

# A REINCIDÊNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

*REPETITION OF VIOLENCE AGAINST WOMEN: A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE*

Silvana Rodrigues França SOARES<sup>1</sup>  
Luciano da Silva STEUER<sup>1</sup>  
Paula Maria Ferreira de FARIA<sup>2</sup>  
Luiz Fernando Duran IÓRIO<sup>3</sup>

## RESUMO

**Introdução:** A presente pesquisa busca construir diálogo entre a Psicanálise e as motivações que podem levar a pessoa a permanecer na convivência com o agressor referente à violência contra a mulher. **Objetivo:** Compreender os elementos do inconsciente da vítima e como eles influenciam a reincidência da violência contra a mulher. **Materiais e Métodos:** É uma pesquisa bibliográfica narrativa, de natureza básica, com embasamento na abordagem qualitativa e com objetivo exploratório, para isso utilizou-se livros de Psicanálise e publicações científicas sobre violência contra a mulher. **Resultados e Discussão:** Foram analisados aspectos sobre o ciclo de repetição da violência contra a mulher, buscou-se relacionar as teorias de Freud e Lacan sobre diversos conceitos tais como: inconsciente, Complexo de Édipo e Castração, Pulsão de Morte e Compulsão à Repetição, Gozo e *Amódio* (amor e ódio) para entender os motivos da reincidência da violência. **Considerações Finais:** A mulher com o *eu* empobrecido coloca-se como objeto na relação, sendo incapaz por si só de transmutar sua situação. Apesar das leis de proteção e de políticas públicas, entende-se que o empoderamento não elabora traumas, necessita de atendimentos psicoterápicos considerando a subjetividade de cada mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência contra a mulher; Psicanálise; Repetição.

## ABSTRACT

**Introduction:** This research aims to establish a dialogue between Psychoanalysis and the real motivations that lead individuals to remain in relationships with aggressors concerning violence against women. **Objective:** To comprehend the elements of the victim's unconscious and how they influence the recurrence of violence against women. **Materials and Methods:** This study is a narrative literature review, of a basic nature, based on qualitative methodology with an exploratory objective. It utilized Psychoanalysis literature and scientific publications on violence against women. **Results and Discussion:** Various aspects of the cycle of repeated violence against women were analyzed. The study sought to relate Freud and Lacan's theories on concepts such as the unconscious, Oedipus Complex and Castration Complex, Death Drive, Compulsion to Repeat, Enjoyment, and *Hainamoration* (love and hate) to understand the reasons for the recurrence of violence. **Final Remarks:** The woman with the impoverished *ego* positions herself as an object in the relationship, being incapable by herself of transmuting her situation. Despite protective laws and public policies, we understand that empowerment does not heal traumas; it requires psychotherapeutic interventions that consider the subjectivity of each woman.

**KEYWORDS:** Violence against women; Psychoanalysis; Repetition.

## 1. INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>Psicólogos Egressos do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero, Curitiba/PR

<sup>2</sup>Psicóloga, Pedagoga. Pós Doutora em Tecnologia e Sociedade, Doutora em Educação, Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Herrero, Curitiba/PR

<sup>3</sup>Psicólogo. Doutor em Filosofia. Docente dos cursos de Psicologia da Faculdade Herrero, Curitiba/PR

A violência contra a mulher na atualidade é um tema de extrema importância tanto no contexto contemporâneo como no contexto histórico, podendo ser entendida enquanto um fenômeno social de bastante relevância. Apesar das políticas públicas e órgãos governamentais preocuparem-se com a questão, a persistência de casos de violência contra a mulher ressalta a urgência de ações contínuas e abrangentes para combater e erradicar essa problemática social, e para que haja mudança efetiva na prática da agressão.

A Psicanálise entende as distinções entre os sexos partindo da referência fálica e emprega conceitos como Complexo de Édipo e Complexo de Castração nos livros *O Eu e o Id*, autobiografia e outros textos e *Amor, sexualidade, feminilidade, Pulsão de Morte em Além do princípio de prazer, Compulsão à Repetição em Recordar, repetir e elaborar* que foram cunhados por Freud, e outros propostos por Lacan como *Gozo em Nomes-do-Pai* e *Amódio (amor e ódio)* no Seminário, Livro 20: *Mais, ainda*. Tais conceitos levam à compreensão da subjetividade de cada sujeito, desde o desenvolvimento psicológico infantil, a formação do inconsciente, o surgimento e a manutenção da violência na vida da mulher até o que funda o gozo levando a uma parceria sintomática, quando converte-se o Outro em instrumento de seu gozo. Todos esses conceitos serão devidamente abordados e explicados ao longo dessa pesquisa.

No transcorrer da escrita, as obras de Freud utilizadas foram traduzidas pelas editoras Imago, Autêntica e Companhia das Letras. Nas citações de Freud que foram extraídas da coleção Companhia das Letras, traduzidas por Paulo Cesar de Souza em *O Eu e o Id*, autobiografia e outros textos, há uma questão conceitual, dado o conceito original (em alemão) de Freud das *trieb*, optou-se por utilizar *pulsão* no lugar de *instinto*; e referente ao conceito *verdrängung*, empregou-se a expressão *recalque* em vez de *repressão*, ambos são conceitos distintos e a tradução precisa é essencial para a compreensão.

O tema da pesquisa foi escolhido a partir de um trabalho em grupo (realizado no oitavo período) pelos acadêmicos autores do artigo para a disciplina de Projeto Interdisciplinar IV, solicitado pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Duran Iório (orientador dessa pesquisa) sobre os diversos tipos de violência e por não terem sido encontradas respostas suficientes sobre os motivos das mulheres em situação de violência retornarem ao convívio ou relacionamento com os agressores, muitas vezes retirando as queixas, incorrendo nesse ciclo de violência. A compreensão dessa reincidência à violência possibilita que estudantes e profissionais de Psicologia, tenham embasamento científico e específico para escutar e analisar essas mulheres, auxiliando-as no resgate de sua condição de sujeito, e por meio disso ajudar a reaver seus desejos e vontades que se perderam no decurso do relacionamento violento.

A pesquisa em questão é relevante para pensar na complementação das políticas públicas e propostas de intervenções no combate à violência de gênero. Essa violência não está posta ao papel social da mulher, ela está voltada ao feminino e à sua forma de gozo. Tal distinção e explicação sobre o tema do gozo pode ser compreendido como um dos pontos centrais dessa pesquisa e será profundamente analisado na sequência deste escrito. Pensando dessa forma, é necessário proporcionar novas perspectivas de construção e restabelecimento da subjetividade das mulheres em situação de violência, pois os conteúdos do inconsciente atravessam a vida e a constituição da psique, como vínculos e respaldos de questões da infância que interferem na propensão de submissão à violência na vida adulta.

Embora existam trabalhos de diversas áreas do conhecimento relacionados à violência contra a mulher, os autores entendem que a psicanálise apresenta um viés de análise distinto e bastante específico para a compreensão da reincidência na situação da violência, mostrando que há lacunas no conhecimento e impulsionando os autores a levantarem a hipótese de que a exposição aos abusos e maus-tratos na infância aumentam a propensão da mulher sujeitar-se à reincidência da violência na fase adulta. Assim sendo, direciona-se a questão aqui proposta de quais elementos do inconsciente podem levar a mulher a se submeter à recidiva da situação de violência. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é compreender os elementos do inconsciente e como eles influenciam na reincidência da violência contra a mulher. Para isso como objetivos específicos buscou-se relacionar as teorias de Freud e Lacan sobre o inconsciente e explicar como acontece o fenômeno da reincidência da violência com fundamentação na Psicanálise..

## **2. MATERIAIS E MÉTODO**

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica narrativa, desenvolvido a partir de materiais já publicados sobre a temática eleita, sua organização tem o objetivo de proporcionar fundamentos teóricos ao trabalho, assim como permite que se identifique o nível de conhecimento que se tem sobre o tema, ampliando-o. Podendo ser classificada como de natureza básica, com embasamento na abordagem qualitativa e com objetivo exploratório.

De acordo com Gil<sup>1</sup> a pesquisa narrativa utiliza uma metodologia mais ampla na coleta e análise de dados, permitindo reunir materiais de várias obras, trazendo o texto de forma compreensiva para o leitor, podendo o pesquisador manter sua neutralidade sobre o assunto ou se posicionar criticamente sobre estudos anteriores.

A pesquisa básica impulsiona o desenvolvimento científico e as inovações, pois ela é levada pelo interesse de esclarecer o que ainda não foi suficientemente explorado, sendo possível obter uma

melhor compreensão de um fenômeno, a partir do avanço do conhecimento. A pesquisa básica com objetivo exploratório tem como finalidade propiciar maior proximidade com o problema, com o intuito de deixar mais compreensível ou levantar hipóteses. E a abordagem qualitativa é funcional quando o objetivo da pesquisa é oferecer uma descrição, avaliação ou uma teoria a respeito de determinado tema, pois ela trabalha com assuntos subjetivos e requer uma observação interpretativa e um entendimento pontual do fenômeno estudado<sup>2</sup>.

Os instrumentos utilizados são livros relacionados à Psicanálise, principalmente dos autores Freud (*O Eu e o Id, autobiografia e outros textos; Amor, sexualidade, feminilidade; O inconsciente; Recordar, repetir e elaborar; Além do princípio de prazer*; entre outros) e Lacan (*O seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud; O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente; O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise; O Seminário, Livro 16: De um Outro ao outro; As formações do inconsciente; O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*; entre outros), um dicionário de psicanálise e outros livros publicados mais recentemente sobre a temática da violência contra a mulher. Foram consultados bancos digitais de publicações periódicas como jornais e revistas, teses e dissertações, e periódicos científicos, sites e portais Scielo (Scientific Electronic Library Online), Pepsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e a BDTD (Biblioteca Nacional Brasileira de Teses e Dissertações), publicados nos últimos 5 anos.

Em relação aos materiais selecionados previamente, totalizaram 23 trabalhos, buscados pelo Portal BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) sob os descritores *violence against women, psychoanalysis AND repetition*, no entanto, foram relevantes para o objetivo somente 4 artigos e 2 teses desse total. O critério de seleção foi baseado principalmente em trabalhos que abordassem uma interpretação psicanalítica sobre a violência contra a mulher. Além disso buscou-se artigos e teses que trouxessem a questão da repetição ou reincidência da violência. Durante a seleção alguns foram descartados, pois apesar de serem relacionados à violência contra a mulher e psicanálise, eram referentes e específicos à justiça, direito, filosofia, mulheres imigrantes, obesidade, enfermagem, LGBTQIA+, entre outros.

A análise de dados de acordo com Gil<sup>1</sup> tem como objetivo estruturar e sintetizar os dados, de modo que seja possível fornecer respostas ao problema apontado para investigação. É um processo de formação de sentido para além da coleta de dados, e isso se dá a partir da consolidação, limitação e interpretação referente ao que foi dito, visto e lido pelo pesquisador. Bardin<sup>3</sup> por sua vez sugere que a análise de conteúdo consiste em uma abordagem sistemática e objetiva para a análise de dados textuais, e pode ser organizada em três etapas cronológicas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Para contemplar as etapas da pesquisa, na pré-análise os autores primeiramente fizeram seleção de materiais, compartilharam entre si para realizarem a leitura flutuante e nivelamento das

informações disponíveis de acordo com os objetivos do trabalho auxiliando na verificação da hipótese e objetivos formulados.

Na exploração do material foi realizada a releitura e o estudo dos materiais selecionados, básicos e complementares, e iniciado a organização e o agrupamento por tópicos ampliados de conteúdo (psicanálise, violência contra a mulher, inconsciente, elementos da infância, objeto, desejo, pulsão, angústia, amor, ciclo de repetição e políticas públicas).

No tratamento dos resultados obtidos, os dados compilados formaram um inventário com a lista dos materiais utilizados, relacionando os autores, ano da publicação, título e conexão com o conceito proposto que auxiliaram na elaboração dos resultados e discussão do trabalho aqui redigido.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência é conceituada como o uso da força física, psicológica ou intelectual obrigando outro indivíduo a fazer algo contra sua vontade, resultando em danos emocionais, físicos e até morte. Entre os diversos tipos de violência destaca-se a violência de gênero, justificada somente pela categorização diferente. Esse tipo de violência origina-se de uma cultura de desequilíbrio e domínio, contribuindo para a inferiorização do feminino e superioridade do masculino<sup>4,5</sup>.

A violência contra a mulher é um fenômeno conhecido e atual, podendo ser caracterizado como um sintoma social e que foi transportado ao longo do tempo através da cultura, do conservadorismo e do machismo. A questão cultural relacionada à violência difere de uma localidade para outra, o que no Brasil é considerado um crime, em outro país pode ser visto como algo natural. Mas, se tratando da sociedade brasileira, José e Santos<sup>6</sup> pontuam que devido ao sistema social do patriarcado a mulher é tida como um *bem material* do homem, portanto pode ser preservado, se necessário, por meio da violência. Corroborando com essa análise, Jung<sup>7</sup> ressalta que esse mesmo sistema patriarcal promove a pressão familiar, impelindo à manutenção do casamento, por conta dos filhos, da situação financeira, dependência emocional ou do próprio papel do gênero feminino percebido como aquém do masculino. Žižek<sup>8</sup> por sua vez, salienta que a violência contra as mulheres está entranhada nos sistemas de poder e nas normas e ideologias de gênero que reproduzem a desigualdade, propiciando que essas estruturas culturais e sociais propaguem a violência, defende também a relevância da transformação social, da resistência e da luta contra as estruturas opressivas.

De acordo com Žižek<sup>9</sup>, a violência possui algumas dimensões, podendo ser subjetiva e objetiva (simbólica ou sistêmica). A violência subjetiva seria aquela reconhecida facilmente, onde existe um sujeito que a pratica. Num contexto mais amplo, por trás da violência subjetiva existiria a violência simbólica (operando no plano da linguagem) e a violência sistêmica que gera as outras

dimensões, ostentada na movimentação habitual do sistema político e econômico do país. O autor afirma que na própria tessitura política, econômica e social é possível encontrar a violência sistêmica que irá propiciar o meio para que outros tipos de violência ocorram nos níveis: subjetivo, objetivo e simbólico.

Conforme apontado por pesquisadores engajados no estudo da violência contra a mulher, estas têm sido vítimas de agressões, chegando muitas vezes ao óbito, desde o início da humanidade. Recentemente as preocupações com essa questão ganharam visibilidade, então as autoridades competentes começaram a pensar em políticas públicas adequadas, criando legislações que criminalizam essa violência, protegendo as mulheres em situação de violência e punindo seus agressores<sup>4,5,10</sup>.

No Brasil, em 1994, com a Convenção de Belém do Pará, a violência contra a mulher passou a ficar em evidência, sendo considerada “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”<sup>11</sup>.

A Lei nº 11.340/2006, divulgada como Lei Maria da Penha, representa um marco na proteção aos direitos das mulheres, pois tem como princípio “coibir e prevenir a violência doméstica e familiar (física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral) contra a mulher, em qualquer relação íntima de afeto”<sup>12</sup>. Também a Lei nº 13.104/2015, conhecida como Lei do Feminicídio, condena o homicídio simples e qualificado contra a mulher “por razões da condição de sexo feminino”<sup>13</sup>, esta expressão descreve os crimes por morte violenta de mulheres pela condição de gênero, quando as mulheres se tornam objeto nas mãos dos homens<sup>14</sup>.

Segundo a perspectiva de Chagas<sup>10</sup>, as Políticas Públicas no Brasil, trazem propostas e campanhas cada vez mais complexas no intuito de diminuir e combater esse tipo de violência, inclusive com a criação de Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), onde o atendimento psicológico é fundamental, por tratar-se de um problema de difícil resolução, principalmente no que diz respeito ao ciclo de violência percebido em diversos casos. Esse ciclo de repetição, apesar das propostas do poder público, não se resolve apenas com leis e regulamentações, isso é percebido através de dados apontados pelo Mapa da Violência 2015, indicando que a reincidência acontece em praticamente metade dos casos de atendimento feminino (49,2%)<sup>15,16</sup>.

Diante do ciclo da violência ou ciclo de repetição, torna-se necessária uma abordagem mais ampla e uma maior compreensão do que ocorre com cada mulher em sua experiência única, buscando na psicanálise hipóteses que preencham as lacunas. Tal compreensão é possível através de conceitos como repetição, inconsciente, desenvolvimento infantil, amor e ódio, e principalmente o que funda o gozo, compreender esse fenômeno.

Conforme Roudinesco e Plon<sup>17</sup>, o termo psicanálise foi instituído por Sigmund Freud (médico neurologista e psiquiatra austríaco) em 1896 para nominar um método específico de psicoterapia (tratamento através da fala), originário do processo catártico (exteriorização verbal de emoções reprimidas como um recurso para aliviar o sofrimento e possibilitar a cura) de Josef Breurer (médico fisiologista e pesquisador austríaco, professor e amigo de Freud) e fundamentado na exploração do inconsciente (parte da psique que abriga pensamentos, sentimentos, desejos e memórias inacessíveis à consciência imediata), com o auxílio da associação livre (o paciente se expressa de forma livre sem censura ou direcionamento) e da interpretação (análise e explanação feita pelo terapeuta sobre a narrativa do paciente). A expressão psicanálise é usada ao referir-se ao tratamento norteado conforme esse método, à disciplina fundada por Freud e ao movimento psicanalítico, ou seja, escolas que englobam quaisquer correntes do freudismo (referente às teorias e conceitos desenvolvidos por Freud).

Partindo da formulação psicanalítica proposta por Freud, a diferenciação de gênero (masculino e feminino) pode ser entendida com base na referência fálica, que é uma das fases do psicodesenvolvimento infantil (oral, sádico-anal, fálica e genital), onde cada fase refere-se a um período do desenvolvimento da libido (energia psíquica associada ao desejo e a manifestação do impulso ou pulsão sexual) em que há o predomínio de uma zona erógena e uma relação objetal diferente. Nessa fase, que vai em média dos 3 aos 5 anos de idade, a criança começa a perceber a diferença que há entre a sua genitália e a das outras crianças com quem convive. Quando a criança constata que alguns indivíduos não possuem pênis, inclusive a própria mãe, incide no Complexo de Castração, onde a menina quer ter um pênis e o menino teme perdê-lo. Nessa fase tanto menina quanto menino tem como objeto de amor a mãe, porém, com a constatação da falta, a menina transfere essa atenção para o pai originando o Complexo de Édipo<sup>18,19</sup>.

Para Freud<sup>18</sup> a percepção da falta do pênis pode ainda causar outros impasses. No caso do menino pode trazer aversão ou desprezo pelo feminino, e no caso da menina colocar-se numa posição de inferioridade ou compartilhar desse desprezo que os homens sentiriam em relação às mulheres.

Lacan<sup>20</sup> por sua vez, compreende o falo como um significante (elemento significativo do discurso) que iria além da anatomia e seria fundamental para a compreensão dos processos mentais envolvidos na estruturação do desejo e da identidade na psicanálise, não sendo apenas um órgão sexual masculino, mas sim um símbolo central nessa construção. O falo seria então um símbolo representativo da falta e da castração, ou seja, a ideia de que todos os indivíduos, independente do sexo, carregam uma sensação de incompletude em relação ao objeto de desejo. Lacan também explorou o papel do falo na formação do desejo sexual e na estruturação do sujeito. Ele enfatizou que

a busca pelo falo (ou pelo que ele representa) influencia a forma como os sujeitos desenvolvem sua individualidade e constroem relacionamentos<sup>21</sup>.

Quando se aborda o Complexo de Édipo, Lacan<sup>20</sup> reinterpreta o conceito elaborado por Freud, salientando sua dimensão simbólica e linguística. Ele argumenta que o desenvolvimento psíquico e a resolução do Édipo são processos fundamentais para a formação da identidade do sujeito dentro do contexto cultural e linguístico.

Lacan<sup>20</sup> propõe a elaboração do Complexo de Édipo em três tempos para explicar esse desenvolvimento. O primeiro tempo ocorre no estágio real, onde a criança está ligada à mãe de forma simbiótica, ainda sem perceber a diferença entre o eu e o outro, seria um registro pré-simbólico, mais primitivo, a experiência está ligada à satisfação imediata e as necessidades físicas ainda não são estruturadas. O segundo tempo acontece no estágio do imaginário, no qual a criança inicia o processo de formar imagens mentais e identificações, começando a perceber as diferenças entre o eu e o outro, em particular à figura da mãe, e forma um quadro imaginário (idealizado) dos pais, desenvolvendo rivalidades e desejos em relação a esses ícones, originando uma triangulação (pai, mãe e criança) onde a criança deseja se identificar com o genitor do sexo oposto. O terceiro tempo sucede no estágio simbólico, em que a criança identifica a desaprovação do desejo incestuoso e acata as normas sociais e culturais. Esse estágio possibilita que a criança progrida no seu desenvolvimento, entrando na ordem simbólica que é intermediada pelos símbolos, regras, normas e pela linguagem, permitindo que o sujeito se relacione com os outros na sociedade.

Lacan<sup>20</sup> faz uma diferenciação na escrita e no significado da palavra outro. No caso da grafia com letra minúscula (outro), sugere que é alguém do convívio pessoal do sujeito, interferindo no jeito que o indivíduo se enxerga e relaciona-se com o mundo. Já o *Outro* grafado em maiúscula, é percebido como uma figura que simboliza alteridade (o mundo externo ao indivíduo), indica uma elaboração abstrata, que representa a dimensão simbólica da linguagem e da cultura, desempenhando uma função importante no desenvolvimento da subjetividade (construção da identidade formada pela interligação entre cultura, relações interpessoais, e entrada na ordem simbólica) de uma forma mais abrangente. Esse Outro tem função de regular as normas sociais e auxilia na construção dos pensamentos, dos desejos e da identidade do indivíduo.

No desenvolvimento infantil (resolução do Édipo) o Outro influencia a criança ao integrar as normas e regras sociais, incluindo a proibição do incesto. Lacan<sup>20</sup> propõe que dentro da família quem teria essa representação simbólica da autoridade e da lei seria o pai (função paterna), criando daí o conceito de *Nome-do-Pai*, que seria a figura que impõe limites, auxiliando na internalização das contrariedades e resolução de conflitos de desejos, mais tarde no convívio em sociedade o sujeito entrará em contato com outros *Outros* que irão barrar as suas formas de *gozo*. Referente ao *Nome-do-*



*Pai*, Lacan<sup>22</sup> discorre amplamente sobre o conceito trazendo uma nova representação como *Nomes-do-Pai*, onde elabora o complexo de Édipo e sua resolução desmembrando em Pai real (figura primária e inacessível), Pai imaginário (fantasia, idealização do pai) e Pai simbólico (função do pai impondo limites e inserindo desejos e proibições ao qual o sujeito tenta fugir substituindo por sua própria demanda podendo desencadear disfunções psíquicas).

O Complexo de Castração e o Complexo de Édipo têm impactos duradouros na vida do sujeito e desempenham um papel significativo na escolha de parceiros e objetos de satisfação de desejos. As experiências vividas pela criança, de modo singular e único, vão interferir na maneira de ela encarar o mundo e no seu jeito de criar laços sociais. Cada sujeito leva consigo padrões repetitivos de relacionamentos que são ajustados por desejos preexistentes e pelo jeito que suas primeiras necessidades foram atendidas nos primeiros estágios da vida. Essa *escolha*, no entanto, abrange elementos conscientes e inconscientes, e é influenciada por fatores que se acumulam ao longo da vida de cada indivíduo<sup>4,10</sup>, como vivências precoces de maus tratos e sofrimento.

Para Freud<sup>18</sup>, as escolhas e o jeito de formar laços sociais, vão além da consciência. Na maioria das vezes essas ações e decisões tomadas são motivadas por desejos, traumas ou pensamentos inconscientes. Freud definiu o inconsciente como uma porção da psique (*Id*: desejos e impulsos inconscientes; *Eu*: mediador entre *Id* e *Supereu*, parte moral; *Supereu*: estabelece normas sociais e morais) que engloba sentimentos, pensamentos e desejos recalcados ou inacessíveis à consciência. Esses desejos e pensamentos, muitas vezes, são de ordem agressiva ou sexual, e são comedidos por causa de conflitos psicológicos ou normas sociais.

Conforme a abordagem de Freud<sup>23</sup>, existe um determinismo psíquico e os pensamentos e ações ocorrem por causas específicas, mesmo quando imperceptíveis para a consciência, sendo que os processamentos mentais inconscientes impactam as emoções, ações e escolhas sem que o sujeito esteja inteirado disso. Para Freud as escolhas podem refletir a exteriorização de desejos e impulsos inconscientes, como relacionamentos que reproduzem dinâmicas familiares pregressas. Os conflitos gerados entre desejos conscientes e inconscientes podem conduzir a manifestações psicológicas, e interferir nos comportamentos e escolhas. Para administrar esses conflitos o sujeito pode estabelecer mecanismos de defesa como repressão, recalque, negação (recusa em admitir a verdade ou a importância de uma situação), projeção (transferir a outrem desejos, pensamentos ou impulsos inerentes a si) e outros para que as questões indesejadas mantenham-se afastadas da consciência.

De acordo com Roudinesco e Plon<sup>17</sup>, a repressão é uma operação psíquica que procura conscientemente afastar ou extinguir uma ideia ou um sentimento do qual o conteúdo é desagradável. Já o recalque refere-se ao processo que objetiva manter no inconsciente todas as representações e

ideias associadas aos desejos, as quais gerariam prazer se fossem realizadas, no entanto, poderiam afetar o equilíbrio psicológico do sujeito, tornando-se uma causa de desconforto.

Segundo Freud<sup>23</sup>, o inconsciente é alcançado através de elaborações estruturadas nos impasses da linguagem tais como chistes (permite que o indivíduo utilize o humor para expressar um desejo recalcado de forma disfarçada), atos falhos (esquecimentos, trocas de palavras, erros de fala, expõem pensamentos e desejos) e sonhos (poderiam revelar desejos, impulsos e conflitos recalcados).

Já para Lacan<sup>24</sup>, o inconsciente se revela o tempo todo, através da fala, por meio do significante, termo linguístico cunhado por Ferdinand de Saussure, ao qual Lacan apropriou-se e alterou. Saussure<sup>25</sup> propõe que a linguagem é constituída por signos que são compostos por significado (o que é a *coisa* de fato, o conceito) e significante (o som, o nome, ou a imagem acústica que o conceito recebeu), sendo a união desses elementos forçada e não natural. A imagem acústica da palavra trata-se de uma representação mental que, mesmo sem estar consciente, quando se ouve ou se lê determinada palavra, inconscientemente gera-se uma imagem mental do som da palavra. Essa imagem influencia a forma como as palavras e a linguagem tocam o pensamento e o funcionamento psíquico. Para Saussure<sup>25</sup>, por possuir o conceito, o significado seria o mais importante e o significante um nome casual que o significado passou a ter. Já para Lacan<sup>24</sup> o significante teria a primazia no que se refere ao aparelho psíquico, pois o que forma a linguagem de fato são os significantes.

Quando várias palavras (cada uma com um significado e significantes distintos) são introduzidas no vocabulário, acabam por desenvolver uma cadeia de significantes, interligados de uma forma complexa, essas associações vão sendo realizadas com base nas imagens acústicas das palavras, e não somente nas suas definições conscientes. Lacan<sup>24</sup> propõe que nessa cadeia de significantes (complexa rede de associações) quando determinado conteúdo psíquico (desejo ou pensamento) é perturbador ou indesejado ele é recalcado e projetado para o inconsciente. Esse tópico recalcado permanece existente na cadeia de significantes de forma encoberta sofrendo uma modificação representativa, envolvendo a troca de um significante consciente por outro, a fim de que o assunto recalcado seja exteriorizado de forma simbólica. Nessa mesma linha de raciocínio, Freud<sup>26</sup>, pontua que a conexão entre o esquecimento causado pelo recalque e a repetição de sintomas neuróticos pode ser ativada por conteúdos inconscientes originados a partir de experiências traumáticas vividas na infância, dessa forma o indivíduo é impelido, inconscientemente, a reproduzir representações de ocorrências traumáticas. A subjetividade do sujeito é construída desde cedo com as necessidades que o fazem buscar a satisfação. Por não poder satisfazer-se por si próprio, dirige-se ao outro gerando a pulsão no psiquismo, para desviar o sentido das necessidades de forma a recalcar as experiências de prazer e desprazer que enquanto criança, vivenciou<sup>27</sup>.

Há um consenso entre alguns autores, Silva<sup>4</sup>, Oliveira<sup>5</sup>, Chagas<sup>10</sup>, de que a mulher está exposta à violência por questões intrínsecas aos pensamentos patriarcais relacionados ao contexto sociocultural histórico da sociedade, mas também por fragilidades relacionadas a própria construção da subjetividade estruturada no decorrer da vida. O inconsciente que permeia as escolhas, inclusive do parceiro conjugal, é o mesmo que mantém os indivíduos presos em relações repetitivas. No momento que uma mulher *escolhe* um companheiro violento, ela pode estar indo em busca da relação primeira que ficou gravada no inconsciente, ou seja, algumas imagens podem originar o desbloqueio de afeições que estavam deslocadas ou recalçadas, por exemplo, quando os pais batiam e depois davam carinho na infância. A mulher pode permanecer tolhida em seus significantes, mesmo não lembrando as ocorrências pretéritas, decorre um deslocamento para o presente, no qual o parceiro pode retratar alguém importante da sua vivência anterior. Desse modo a mulher justifica sua permanência na relação violenta, por conta dos filhos ou pela dificuldade financeira, sem na realidade compreender de fato, pois as reais motivações encontram-se no inconsciente e frequentemente essa mulher se repete na mesma situação<sup>4,5,10</sup>.

Essa repetição de comportamentos e insistência em retornar a situações traumáticas ou relacionamentos problemáticos foi amplamente estudada por Freud<sup>26</sup>, que utilizou o termo *compulsão à repetição* para nomear esses padrões repetitivos. Ele observou que, mesmo sendo prejudiciais, as pessoas tinham a inclinação de repetir experiências traumáticas e dolorosas de suas vidas e na maioria das vezes esse processo ocorria sem que o sujeito estivesse ciente disso (inconscientemente). Essa tendência, de certa forma autodestrutiva, seria o resultado das pulsões.

O conceito de *pulsão* foi elaborado por Freud<sup>28</sup> para nomear a energia psíquica que leva ao movimento, originando-se no próprio organismo de forma contínua e não poderia ser eliminada. A pulsão consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo. Freud<sup>29</sup> explica que a pulsão apresenta em sua fonte uma excitação corporal para apaziguar o estado de tensão, que tem como característica a plasticidade, para atingir sua meta; é a energia constante que move o sujeito. A pressão da pulsão é seu fator ou elemento motor que impulsiona o organismo para uma determinada ação, responsável pela descarga e alívio da tensão, transformando a energia acumulada para obtenção de satisfação.

Para as pulsões sexuais e de autopreservação, Freud<sup>30</sup> as chamou de *pulsões de vida*, referentes às excitações que induziam à busca de objetos. Para as pulsões que levavam à estagnação, com a ausência de estimulação no organismo, nomeou de *pulsões de morte*, teriam como objetivo a descarga, a falta do novo, a falta de vida (a morte). O organismo não teria o desejo por mudança, fadado a buscar sempre estados anteriores ou objetivos antigos (função conservadora), mesmo que por novos caminhos. A pulsão de morte é responsável pelo sujeito se julgar merecedor de sofrimento

(sentimento de culpa instalado no *ego*), sendo a compulsão a repetição uma expressão da pulsão de morte<sup>30</sup>.

Na compulsão à repetição existe uma divergência entre a repetição de eventos que geram sofrimento (princípio de realidade) e o desejo de buscar prazer (princípio do prazer). Esse antagonismo entre prazer e desprazer é essencial para compreender a compulsão à repetição. Freud<sup>30</sup> assinala que o *princípio do prazer* é algo inato ao ser humano e está ligado à busca por satisfação instantânea para se esquivar de dor ou incômodos ou atender necessidades e realizar desejos, ele age, sobretudo no inconsciente e tem relação com os impulsos instintivos, como a procura por satisfação sexual e demais necessidades básicas. Já o *princípio de realidade* atua como regulador, entendendo que nem sempre é possível satisfazer imediatamente os desejos, ele avalia as limitações ambientais ou sociais e impõe restrições aos impulsos e desejos, mediando a busca de prazer habitual, levando em consideração a realidade circunscrita no momento. Essa reiteração de experiências parece divergente do princípio do prazer, já que não leva a gratificação instantânea, no entanto Freud defende que o sujeito, na compulsão a repetição, pode estar buscando um jeito de elaborar o trauma passado, mesmo que isso inclua reviver o sofrimento numa tentativa inconsciente de integrar à consciência essas experiências buscando entender ou resolver tais questões.

Lacan<sup>21</sup> por sua vez, compreende que o prazer não estaria atrelado ao físico ou à procura de compensação imediata, consistiria numa experiência mais complexa ligada às atividades do inconsciente e às formações do indivíduo. Dessa forma Lacan elaborou o conceito de *gozo* abrangendo perspectivas de prazer, de sofrimentos, de desejos, de fantasias, de excessos e de descumprimento das limitações impostas pelo princípio de realidade onde a busca não é satisfeita completamente e as vontades ultrapassam os limites aceitáveis pela sociedade.

O gozo remete a uma experimentação prazerosa e intensa, mas também pode ser inquietante e geradora de angústia. Lacan<sup>21</sup> sugere que o gozo vai além do simples prazer sexual, é uma experiência emocional que pode acontecer em diferentes instâncias da vida, havendo uma diferenciação entre o gozo masculino e feminino. O gozo masculino estaria associado à satisfação sexual, ao passo que o gozo feminino envolve o próprio desejo da mulher, fantasia e a satisfação do desejo do *Outro*.

De acordo com Lacan<sup>21</sup> o gozo feminino é alvo de vigilância, restrição e modulações impostas na educação de meninas com objetivo de conter excessos regulados pela sociedade. O corpo feminino tornou-se alvo da opinião pública, ao generalizar e coletivizar geram tipos de violências e formas de abuso, ao esquecer que são seres individuais. O autor salienta que as mulheres não podem ser tomadas como um conjunto fechado, coletivizável, mas sim como sujeito único, cada uma com sua própria história e singularidade.

Lacan<sup>21</sup> destaca dois tipos de gozo: o gozo fálico (relacionado à genitália) e o gozo do Outro (gozo do não-todo), relacionado a um contentamento que nunca se atinge em absoluto. Esse Outro enquanto representação simbólica da linguagem, das normas sociais, do mundo exterior e das expectativas dos outros é essencial na formação da identidade do indivíduo visto que é onde encontram os valores, normas e significados que formam o sentido de si mesmo e estabelece seu lugar no mundo. Entretanto, essa *expectativa* dos outros, que o sujeito assimila e introjeta (absorve como parte de si) seria a percepção que o sujeito tem (o que ele imagina que o outro espera dele de um modo simbólico) do desejo do outro em relação a ele e não necessariamente o que realmente ocorre.

Silva, Alves e Reis<sup>4</sup> afirmam que a categorização dos sexos não deve ser apoiada na forma de gozo de cada um. Para os homens o gozo é restrito e localizável (falo), já para as mulheres, parte tem ligação com o falo e outra parte é indeterminada e infinita, tornando as mulheres uma incógnita para os homens, já que não condizem com a lei fálica. Essa dificuldade de identificar e a forma de gozo feminina pode encorajar a violência masculina. A distinção no gozo torna improvável uma simetria na relação sexual, encaminhando o sujeito para uma sensação de impotência masculina e consequente agressividade e violência.

O homem costuma temer o desejo, os afetos e o que leva ao descontrole encarnado pelo feminino, o ódio não exclui o desejo, inclui o objeto causa de desejo. A mulher pode ocupar uma dimensão paradoxal do *Amódio*<sup>21</sup>, numa relação complexa e ambivalente entre amor e ódio, em que se permite envolver em modalidades onde o *Amódio* revela sua força mortífera, com gozo devastador e circuito pulsional que promovem uma identificação do objeto desprezível em relação a um homem.

Para Lacan<sup>31</sup>, amar é amar um ser para além do que ele parece ser, o autor classifica o amor como uma carreira sem limite. O ser objeto do amor é ficção, o sujeito não é o ser, mas uma falta-a-ser, amor concebido numa relação simbólica mediada pela palavra. Lacan<sup>32</sup> aborda sobre o amor cortês idealizado por poetas da Idade Média, amor impossível em que objeto amado era inacessível, trazia sofrimento, e exigia renúncia do objeto amado. No lado feminino, como a função fálica é precária, existe uma demanda intensa de amor, por uma identificação do ser. Partindo do princípio de que não conhecer de modo algum o ódio, é não conhecer de modo algum o amor também<sup>21</sup>, não se conhece nenhum amor sem ódio, se tal conhecimento decepciona, é porque por séculos o ódio não foi posto em seu lugar.

Na compreensão de Lacan<sup>33</sup>, o desejo do Outro seria o modo como o indivíduo é sugestionado e, de certa forma, direcionado pelos desejos e demandas da coletividade simbolizada pelo Outro. A identidade do sujeito é construída em retorno as expectativas, planejamentos e normas (demandas simbólicas da cultura e da sociedade) propagados pelo Outro, e para sentir-se aprovado ou reconhecido o indivíduo se sujeita a essas determinações gerando muitas vezes sensação de angústia

e tensão por sentir-se incapaz de atender integralmente a perspectiva do Outro, provocando um sentimento de falta e desejo constante de *mais*. Como o desejo do Outro é simbólico, o sujeito não é capaz de saber o que de fato o outro deseja podendo construir fantasias na tentativa de integrar o desejo do Outro e tornar-se objeto de desejo que o Outro supostamente procura<sup>33</sup>.

A sensação de falta, insatisfação e vazio intrínseco ao ser humano, de acordo com Lacan<sup>33</sup>, está relacionada com o objeto de desejo do indivíduo, ao qual ele nomeou de *objeto a*. Esse objeto não é da ordem real (físico), está para além do objeto de necessidade, é um objeto simbólico e, portanto, não pode ser obtido integralmente, e a despeito de ser a causa do desejo não permite o gozo completo do sujeito, pois sempre foge à busca (é inatingível). Dessa forma o *objeto a* impele o sujeito a procurar algo que lhe complete, podendo mudar de forma ao longo da vida, mas mantendo a natureza da busca. Na relação com o Outro, o *objeto a* está posto no desejo de ser amado, reconhecido ou desejado, no entanto, como o desejo perpassa a vontade do Outro, o indivíduo tenta atender tal necessidade na ilusão de que encontrará o *objeto a* e irá gozar, porém, como a busca é infinita pode levar a exageros e consequências adversas.

Ao exceder o gozo e ir além nessa busca pelo *objeto a*, o sujeito extrapola os limites e pode ter uma experiência desagradável. A procura por esse excesso de gozo Lacan<sup>34</sup> chamou de *mais-de-gozar*. O indivíduo procura esse mais-de-gozar mesmo que já tenha sofrido experiências prévias angustiantes na tentativa de resolver comportamentos repetitivos, gerando mais ações autodestrutivas e disfuncionais. Essas ocorrências fogem à compreensão consciente do indivíduo levando a formação dos sintomas psicanalíticos ou manifestações psíquicas (quando o desejo é recalçado, gera um conflito, inconscientemente o indivíduo tenta solucionar o conflito e alcançar satisfação). Posteriormente Žižek<sup>35</sup> argumenta que por ser um conceito subjetivo, o mais-de-gozar apresenta fenômenos diversos, variados e individualizados podendo se revelar de inúmeras formas. Dentre elas: comportamentos hedonistas (busca do prazer extremo), comportamentos repetitivos (compulsões e vícios), comportamentos autodestrutivos (autolesões e ideações), comportamento de risco (atividades perigosas), relações objetais patológicas (relacionamentos envolvendo uma dinâmica abusiva), desafio às normas sociais (insubordinação) e masoquismo (busca de prazer por meio de submissão, dor ou humilhação).

O masoquismo foi amplamente estudado por Freud<sup>30</sup>, que observou o desejo de prazer no sofrimento e relacionou ao desenvolvimento da sexualidade e aos complexos familiares. Em sua teoria das pulsões (pulsão de vida e pulsão de morte) considerou o masoquismo como uma tendência autodestrutiva, onde a obtenção de prazer se dá com a dor, a humilhação, o sofrimento psicológico e a submissão representando um jeito de encaminhar a pulsão de morte para a satisfação erótica. O masoquismo é um elemento fundamental da pulsão de morte, caracterizado pela obtenção de prazer

no sofrimento. A pulsão de morte, ligada à libido, se dirige ao próprio sujeito quando não encontra um objeto externo como alvo.

Freud acreditava que o masoquista, partindo de um conflito de emoções, poderia sentir amor e ódio conjuntamente, numa ambivalência de sentimentos que poderia ser originada no Complexo de Édipo, onde o indivíduo desejaria satisfazer os pais, porém inconscientemente anseia pela punição. Também poderia ser uma forma de defesa para esquivar-se de traumas não elaborados ou de consciência de culpa (sensação de angústia causada por atos passados considerados moralmente errados ou desejos recalçados conflitantes com valores pessoais e normas sociais). Esse sentimento de culpa seria gerado pelo medo de perder o amor do outro. O ser humano é dependente de relação, e desde que nasce experencia sentimentos ambivalentes de amor e ódio pela pessoa que o frustra, e acaba sofrendo, sente raiva e se culpa, guarda sua agressividade para não perder o amor do outro, volta-se contra si para não se voltar contra o objeto, agride-se ao invés de agredir o objeto, para poupá-lo e preservar o sentimento que tem ao outro. Freud<sup>30</sup> analisa a transformação do amor em ódio e vice-versa, decorrente de mudanças internas, e não de uma diferença de comportamento do objeto. Na vida psíquica a energia seria passível de deslocamento, capaz de passar de uma pulsão erótica para outra. O sujeito ama aquele que o cuida e o protege, ama a si próprio e busca a si mesmo no objeto amoroso, são os tipos de escolha de objeto acessíveis aos sujeitos, podendo ocorrer a prevalência de um desses tipos.

Mais tarde Freud<sup>18</sup> elencou três classes de masoquismo: erógeno, feminino e moral. O masoquismo erógeno seria proveniente da excitação sexual, o masoquismo moral viria, inconscientemente, da satisfação emocional provocada por um sentimento de culpa por ter ultrapassado regras ou normas autoimpostas ou impostas pela sociedade e o masoquismo feminino seria resultante da dificuldade na resolução do Complexo de Édipo com uma manifestação da resistência em aceitar a castração simbolizando aquilo que é captado como uma ameaça, podendo ser identificado tanto em homens como mulheres e levar a uma posição de submissão e passividade nas relações.

Sobre a passividade, Freud<sup>19</sup> propõe que é a propensão que o sujeito tem de ser submisso, receptivo ou passivo frente a uma situação, objeto ou outro indivíduo, influenciada por diversos fatores tais como: resquícios da infância (conteúdos edípicos não elaborados), expectativas sociais colocando (principalmente) as mulheres em um lugar de submissão e passividade, e também como um jeito de esquivar-se de conflitos.

Lacan<sup>34</sup> por outro lado, compreende que o prazer e o sofrimento se entrelaçam, de forma que o masoquismo teria sua origem no gozo, não sendo compatível com o princípio de prazer (busca do prazer e evitação da dor), abrangendo uma ligação complexa entre desejo e dor. Para Lacan, no

masoquismo o *gozo se colore*, ou seja, o prazer está mesclado por diversos elementos de desejo, angústia, sofrimento e satisfação. Outra questão levantada por Lacan foi relacionada ao papel simbólico do masoquismo, trazendo elementos de fantasia que envolvem cenários e rituais e através de narrativas elaboradas transmutam sofrimento em prazer. Também aprofundou o conceito de masoquismo moral principiado por Freud, evidenciando a relação da sujeição ao simbólico e o desejo de satisfazer-se mediante a submissão às regras sociais e à linguagem. No que se refere à passividade justaposta ao masoquismo, Lacan<sup>20</sup> salienta que o indivíduo é atravessado pela linguagem estabelecendo uma subjetividade complexa mantendo uma concorrência contínua entre o simbólico e o desejo, sendo que a função ativa ou passiva pode alternar conforme a demanda do desejo, dessa forma a passividade poderia ser entendida como a submissão do indivíduo à linguagem, às regras sociais e ao simbólico.

De acordo com Silva, Alves e Reis<sup>4</sup> a passividade da mulher numa relação envolvendo repetição da violência abarca permuta e gozo. A relação violenta pode ser um jeito de expressar o que não exprime em palavras, tornando a violência um sintoma do casal. Ao sofrer violência, por não conseguir estruturar mecanismos que possibilitem controlar desejos e impulsos por meio de processos simbólicos, a mulher cria uma construção subjetiva demarcada pela passividade, resultando em sofrimento interno devido aos impulsos que permanecem submetidos ao núcleo traumático (relacionado a eventos traumáticos que não pode ser compreendido pela linguagem ou pensamento consciente). Esse contexto revela um gozo inexprimível, difícil de ser entendido pela linguagem e sendo assim, sua via de expressão se dá pela repetição nas escolhas amorosas.

As experiências de repetição estabelecidas nas relações com o outro, e que motivam as mulheres em situação de violência a continuarem nessa situação, alimentando seus sintomas, são definidas por parcerias sintomáticas, estabelecidas pelo inconsciente como princípio formador das escolhas amorosas. Normalmente essa relação é composta por um par (homem/mulher), onde um é o agressor e outro o agredido. Nessa perspectiva o que agride objetifica o outro, mantendo-o numa posição de objeto que se sustenta pelo gozo (o Outro é o meio de gozo). Daí a complexidade na resolução e rompimento do ciclo de violência em consequência dessa parceria-sintomática<sup>6,10,36</sup>.

Conforme sugere Souza e Cunha<sup>36</sup>, não é suficiente para a mulher somente livrar-se de um sintoma, é imprescindível que esse sintoma se apresente como um enigma ou símbolo (cifração) na relação de transferência (quando o analisando redireciona sentimentos e comportamentos inconscientes, que anteriormente eram voltados para pessoas importantes do passado, para o analista, no decorrer do tratamento) para que o terapeuta ajude-a a explorar e elucidar os significados implícitos nos sintomas (através de sonhos, lapsos de língua e outros processos mentais). O propósito da análise não é necessariamente de direcionar a mulher para uma separação e sim barrar o gozo, e



se for do seu desejo, educar-se para gerir uma relação de forma saudável. Nesse sentido Silva, Alves e Reis<sup>4</sup>, complementam que a mulher com o *eu* enfraquecido é incapaz de considerar suas relações e fazer uma autorreflexão acerca das violências sofridas. Já que as leis de proteção não conseguem estabelecer recursos suficientes que transformem o contexto em que vivem, é imprescindível desenvolver uma nova perspectiva subjetiva para que alterem a relação que tem consigo mesmas, com os outros e com o mundo, resgatando sua condição de sujeito (compreensão e exploração dos conflitos internos, da subjetividade e da construção da identidade de um sujeito, levando-o a autoconsciência e autorreflexão).

Souza e Cunha<sup>36</sup> advertem que o extermínio da violência é impossível, pois está no cerne da civilização, mas a contenção e procura por direitos são garantidos e praticados através das políticas públicas que envolvem o Estado e a sociedade visando interpelar a violência contra a mulher. Entretanto, as políticas públicas podem não levar em consideração a subjetividade e o desejo das mulheres em persistir ou reincidir nos relacionamentos violentos. Daí a necessidade de criar espaços onde as mulheres consigam fazer uso da linguagem para ressignificar suas histórias, fazendo disso uma integração entre políticas públicas e psicanálise. Não obstante aja discrepância entre a psicanálise e outras abordagens da psicologia relacionadas à violência e ao feminino, a psicanálise tem um papel crítico e contribui sobremaneira no combate à violência contra a mulher. Posto isto, Oliveira<sup>5</sup> ratifica que a psicanálise como ferramenta de escuta, que considera elementos do inconsciente, é essencial ao se pensar em políticas públicas únicas e orientadas, que estejam onde de fato a mulher em situação de violência precisa, de preferência na figura do psicanalista, dentro das unidades que prestam atendimentos para estas mulheres.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscou-se compreender os elementos do inconsciente e como eles influenciam na reincidência da violência contra a mulher, relacionando as teorias de Freud e Lacan com autores da atualidade que abordam a questão, explicando como ocorre o fenômeno da reincidência fundamentando na Psicanálise.

No decorrer do estudo discutiu-se a influência do inconsciente nas *escolhas* que o sujeito faz durante sua vida, confirmando a hipótese inicial de que a exposição aos maus tratos na infância pode aumentar a propensão da mulher sujeitar-se à reincidência da violência na vida adulta, devido aos conteúdos recalcados na infância que podem emergir estruturados na repetição do trauma progressivo.

Esse estudo contribui para a compreensão dos desafios enfrentados pelas mulheres que, embora as leis de assistência e proteção designem um lugar de integridade e respeito, são nos vínculos

afetivos que a violência materializa-se, e a mulher com o *eu* empobrecido coloca-se como objeto na relação, sendo incapaz por si só de transmutar sua situação. Diante disso, percebe-se que as leis de proteção são insuficientes para modificar essa realidade, necessitam estruturar uma nova vivência subjetiva, que possibilite a mudança na forma como se relacionam com o mundo, com os outros e consigo própria. As políticas públicas de empoderamento feminino que buscam igualdade de gênero e fornecem apoio são de grande valia. Porém empoderamento não elabora todo o contexto experienciado por esta mulher no transcorrer do seu processo constitucional e as significações compostas a partir disso, daí a necessidade de mais atendimentos que considerem a subjetividade de cada uma e que possam ser exercidos por meio da técnica psicanalítica.

Este trabalho abrange questões que merecem investigação adicional, particularmente demandas relacionadas ao homem que pratica a violência contra determinada mulher e com outra não, e a relação estabelecida entre as partes a depender da ligação com o gozo do Outro, que podem expandir o conhecimento sobre o tema e propiciar maior compreensão sobre parcerias sintomáticas.

Ao término desta pesquisa, percebeu-se a complexidade dos conteúdos inerentes ao inconsciente e como influenciam as tomadas de decisões, daí a importância da escuta clínica para uma compreensão mais profunda da vivência do paciente e poder auxiliá-lo na elaboração de questões não resolvidas possibilitando reflexão durante o processo terapêutico.

Este estudo não é concludente, assim como a maioria das pesquisas psicanalíticas, devido as suas características intangíveis, permite diferentes reflexões já que o objeto de estudo (a mente humana com foco no inconsciente) é passível de interpretações e está em constante evolução e modificação. Portanto, as perspectivas da psicanálise não são categóricas, podendo sempre ser revisadas, e possibilita novas leituras que a enriqueçam e abram caminhos para uma maior percepção da subjetividade humana.

## REFERÊNCIAS

1. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2022.
2. Flick U. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2012.
3. Bardin L. Análise do conteúdo. Tradução de: Reto, LA, Pinheiro, A. 70ª edição. São Paulo, 2016.
4. Silva GNT, Alves LLG, Reis FF. A violência contra a mulher: uma visão psicanalítica. [Internet]. UniEvangélica, 2020. [acesso em 20 mai 2023]. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/10493>
5. Oliveira MP. Violência contra as mulheres: reflexões sob o viés da psicanálise de Freud e Lacan. [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021.
6. Jose JN, Santos KA. Violência contra as mulheres: questões do feminino na/para a Psicanálise. *Analytica*. 2021;10(19):1-28.

7. Jung LC, Dezordi DBM, Rambo PM, Sackvil M, Cervi T. Violência contra a mulher: uma visão psicanalítica. Seminário de iniciação científica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2019. [acesso em 06 jun 2023]. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/12526>
8. Žižek S. As metástases do gozo: seis ensaios sobre a mulher e a causalidade. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.
9. Žižek S. Violência. Tradução de Pereira, MS. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2014.
10. Chagas LF. (Re)pensando a assistência: contribuições da psicanálise para as políticas públicas no enfrentamento do ciclo da repetição na violência contra a mulher. [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.
11. Brasil. Decreto nº 1.973 de 1 de agosto de 1996. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Diário Oficial da União 02 Ago.1996;28(1):14471.
12. Brasil. Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União 08 Ago. 2006;151(1):1.
13. Brasil. Lei nº 13.104 de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Diário Oficial da União 10 Mar. 2015;46(1):1.
14. Santos MFA. Feminicídio e Psicanálise: uma questão atual. 1ª edição. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2022.
15. Brasil. Norma Técnica de Uniformização: centros de referência de atendimento à mulher em situação de violência. Secretaria Especial de políticas para Mulheres. [Internet]. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres – Presidência da República, 2006. [acesso em 14 jul 2023]. Disponível em [http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/Legislacao/6\\_NormaTecnicaUniformizacaoparaCentrosdeReferenciaAtendimentoaMulher2006.pdf](http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/Legislacao/6_NormaTecnicaUniformizacaoparaCentrosdeReferenciaAtendimentoaMulher2006.pdf)
16. Waiselfisz JJ. Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. Flacso. 1ª edição. Brasília, 2015. [acesso em 10 ago 2023]. Disponível em [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)
17. Roudinesco E, Plon M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
18. Freud S. O Eu e o Id, autobiografia e outros textos. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (1923-1925). Tradução de: Souza, PC. São Paulo: Cia. das Letras. 2011;(16).
19. Freud S. Amor, sexualidade, feminilidade(1933). In: Freud, S. Obras incompletas de Sigmund Freud, Tradução de: Moraes, MRS. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018(7).
20. Lacan J. O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958). Tradução de: Ribeiro, V. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
21. Lacan J. O Seminário, Livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Tradução de: Magno, MD. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
22. Lacan J. Nomes-do-Pai (1963). Tradução de: Telles, A. Rio de Janeiro, 2005.
23. Freud S. O inconsciente (1915a). In: Freud, S. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006(16).

24. Lacan J. O Seminário, Livro 9: A identificação. Tradução de: Corrêa, I, Bagno, M. Centro de estudos freudianos do Recife, 1961-1962. Inédito.
25. Saussure, F de. Curso de linguística geral. Tradução de: Chelini, A, Paes, JP, Blikstein, I. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
26. Freud S. Recordar, repetir e elaborar (1914). ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996(17)
27. Freud S. Estudos sobre a histeria (1895). In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006(2).
28. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996(7).
29. Freud S. Instintos e suas vicissitudes (1915b). In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006(14).
30. Freud S. Além do princípio de prazer (1920). In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996(18).
31. Lacan J. O seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud. (1953-1954). Tradução de: Milan, B. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
32. Lacan J. O seminário, Livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960). Tradução de: Quinet, A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
33. Lacan J. O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Tradução de: Magno, MD. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.
34. Lacan J. O Seminário, Livro 16: De um Outro ao outro (1968-1969). Tradução de: Ribeiro, V. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
35. Žižek S. O mais sublime dos histéricos - Hegel com Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
36. Souza HG de, Cunha CF. A interlocução da psicanálise com as políticas públicas de enfrentamento da violência doméstica contra a mulher. Opção lacanianiana. 2018;9(25-26):1-13.